

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistada: Tereza Alves Assunção Santos

Comunidade Rosário de Baixo, município de Virgem da Lapa, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Outubro, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Naquele tempo ninguém adoecia – Entrevista de Tereza Alves Assunção Santos. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Naquele tempo ninguém adoecia

Dona Terezinha é mais uma valente remanescente de quilombo da comunidade de Rosário de Baixo, no município de Virgem da Lapa. Suas histórias são relatos vivos de um povo forte em suas tradições, que aprende a atravessar adversidades com coragem, criatividade e perfeita sintonia com a natureza de seu entorno. Olhar atento para as mudanças de costumes e crenças na comunidade, observa como, apesar de aumentar significativamente o número de famílias em sua comunidade, quase metade da população passa quase o ano todo fora, trabalhando em São Paulo. Relata sobre festas e hábitos, e não deixa de refletir sobre a vida passada e presente, fazendo associações reveladoras.

A senhora é nascida na comunidade do Rosário de Baixo?

Não, eu sou nascida na comunidade do Funil, papai morava lá. Depois papai comprou um terreno aqui, e viemos morar aqui.

A comunidade já existia?

Já, mas não era como agora não. Quando eu vim para cá, eu era criança ainda, e fomos morar “ali” embaixo, na fazenda do finado Dico, que já morreu. Meu pai comprou um terreno para cima, que meus irmãos moram para cima, e eu casei com gente daqui. Depois, ainda vim morar aqui na casa da minha menina, que morava com a avó, que morreu, e eu vim ficar aqui na casa porque eles estão em São Paulo.

A senhora lembra a idade que tinha quando veio para cá?

Eu tinha uns oito anos, eu estudava ainda e fui criada aqui.

Quantas famílias tinham, mais ou menos, naquela época?

Naquela época tinha umas 20 famílias, agora já têm umas 45 ou 50 famílias.

Aumentou então?

Só no Rosário de Baixo, mas o pessoal não está aqui, a metade das casas estão fechadas porque as pessoas estão em São Paulo.

Por quanto tempo, num ano, as pessoas ficam em São Paulo.

De um ano a outro, agora estão chegando.

Eles ficam lá oito ou nove meses e depois vêm para cá, é isso?

Os que têm família deixam mulher aqui, e depois vêm. Outra hora leva a mulher, e traz a mulher de volta. Mas quando eu vim morar aqui, não tinha “rodagem”, não tinham essas casas que vocês estão vendo agora. Tinha casa, mas era de barro batido, meu pai também fazia.

A senhora tem ideia de quanto tempo tem essa comunidade, alguém já falou quanto tempo tem?

Essa comunidade aqui é velha, tem muitos anos. Tem uma mulher que nasceu e criou aqui, ela morreu tem pouco tempo com 110 anos. Quando eu vim para cá ela estava bem velha já.

Tem alguma festa que é realizada aqui na comunidade do Rosário?

Tem todo ano.

Qual festa é?

Festa de Nossa Senhora do Rosário, tem leilão, tem missa todo mês.

Mas aqui na comunidade?

Sim, na igreja que vocês passaram. Este ano mesmo, dia 13 de janeiro tem uma festa aqui, vocês estão convidados.

Como chama a festa?

Nossa Senhora do Rosário. Sobe a bandeira, a gente reza o culto na igreja.

Essa festa do Rosário aqui, é em janeiro, normalmente as festas por aqui, na região, acontecem em outubro, certo?

Primeiro era em agosto, agora nós mudamos para janeiro porque é mês que todo mundo está aqui.

Sim. Mas a festa do Rosário que vai ter em Virgem da Lapa?

A de Nossa Senhora do Rosário é diferente, tem em outubro, é dia 12, com os tamborzeiros.

Mas qual a diferença da festa de vocês em janeiro, para essa que acontece agora em outubro, em Virgem da Lapa?

Nenhuma diferença, é a mesma santa, mas mudou. Lá é com tamborzeiros e aqui é outra coisa. Aqui o padre vem, celebra a missa. Por exemplo, eu sou dona da bandeira, eu chamo vocês e vêm todo mundo aqui em casa para tomar um café com biscoito, ou jantar. Depois sai cantando todo mundo, batendo pandeiro, tocando viola. Chegando lá, reza, o padre já está esperando, sobe a bandeira. Depois tem o leilão, e o dinheiro que junta, paga tudo. É a comunidade que faz, todo mundo dá um frango, dá um litro de vinho, e aí o dinheiro fica para a comunidade. Tudo que fica na igreja, ninguém vai pedir na prefeitura, é a comunidade que ajuda. Há pouco tempo aqui eram 45 famílias, mas já aumentou, porque vai casando e vai fazendo casa.

Não tem tamborzeiro nessa festa de vocês aqui?

Se nós chamarmos, eles vêm.

Mas tradicionalmente não tem?

Já veio, já passou aqui na nossa comunidade e fizemos um almoço para eles. Batucaram, almoçaram e foram embora. Mas no dia da nossa festa aqui, que é mês de janeiro, nós alugamos um carro e eles vêm, mas é só para levar a bandeira até a igreja.

Têm outras festas aqui na comunidade?

Não, só quando os meninos querem fazer um churrasco, mas não tem “festarada” não.

Festa tradicional é só essa?

Só essa mesmo.

Quando a senhora diz tamborzeiro, é a congada?

É. As mulheres com aquele saião, ficam rodando. Vem a rainha e o rei, vai para igreja. Daí canta, come, a gente faz o que comer e beber para eles, batucam bastante e depois vão embora.

Essa festa mudou muito ao longo dos anos?

Essa festa está diminuindo. Ninguém mais está querendo ser rainha.

Mas a festa de vocês, de janeiro, ela mudou ao longo dos anos.

Mudou porque nós pedimos para o padre mudar para o mês de janeiro, porque dezembro aqui fica cheio de gente, o pessoal tira férias, muita gente mora em São Paulo, tudo trabalha lá. Então, quando é janeiro, dia da nossa festa, tem muita gente.

Mas com relação ao que era feito antes e agora, mudou?

De primeiro era diferente, a gente só rezava o terço e acabava. Não tinha nem igreja, a gente rezava debaixo do pé de mangueira. Mas Deus deu força para nós e fizemos a igreja.

A religião de vocês aqui, das comunidades, é a Católica?

É.

Não tem nenhuma outra religião?

Tem um tio meu que é crente. Ele ia fazer uma igreja aqui, mas nós não quisemos. Eu acho que Deus é um só, mas cada um serve o que quer. Eu não vou à igreja crente, prefiro a minha mesmo, mas não tenho nada contra. Mas quando eu conheci o Rosário aqui, era diferente. As casas não são boas, são diferentes de quando eu conheci, tinha muito buraco, cobra, rato, barata, escorpião... escorpião ainda tem, de vez em quando eu

mato um. Cobra já é muito difícil da gente ver, mas de primeiro tinha. Às vezes a gente estava dormindo e elas ficavam andando em cima das telhas.

Dona Terezinha, tem alguma coisa aqui na comunidade que a senhora acha que é diferente de outras comunidades? Artesanato, ou outra coisa, que a senhora entende que é feito só aqui?

Tem uma tradição de casamentos que acontecem nas festas aqui, em janeiro. E uma cantiga que o pessoal canta. É assim. “A folha do coqueiro não balança mais / A moça já casou e não namora mais”. Aí todo mundo fica batucando e o sanfoneiro tocando.

Como são esses casamentos, eles casam na cidade e depois vêm para cá?

Sim, eles vêm para cá. Ficam tomando uma “cervejada”, depois vão jantar, e depois ainda dançam. Esse ano vai ter também, e tem uns tachões.

Que tipo de doce tem?

Todo tipo, doce de feijão, mamão, leite, batata, canjica. São uns tachões enormes.

E comida salgada?

É mais doce, mas faz feijão com toucinho, macarronada, arroz, frango assado, carne de porco, carne de boi, frango caipira. Tem que ter um terreiro grande para fazer a mesa, e uma grande roda, todo mundo senta e vai comendo. Que nem em restaurante, que eu já trabalhei, e também como empregada doméstica. Coloca um avental, touca na cabeça, tudo organizado, é muito bonito.

Qual a principal dificuldade que vocês têm aqui nessa comunidade, para viver aqui?

É só quando chove, que o carro não desce, a gente tem que carregar a feira na cabeça, lá da reta até aqui. Porque não tem cascalho na reta ainda. Mas nós agradecemos que temos a água da Copasa (Companhia de Saneamento de Minas Gerais). Arrumamos os canos com um vereador de Belo Horizonte, mas como eu não tenho marido, eu paguei para um camarada abrir a valeta. Toda hora que eu ligo o relógio, tem água.

Então aqui, água para o consumo não falta?

Não. Tem luz... agora nós temos luz. Mas em casa, no poste não tem não.

E quando chegou a luz em casa?

Faz tempo, uns quarenta anos, eu tenho uma menina que está com 41 anos.

Água nunca falta aqui nessa comunidade?

Só quando não tem, que falta lá na rua e falta aqui também. Nós não mexemos com água no córrego não.

Vocês não dependem de caminhão pipa?

Não, por enquanto não.

E plantação, essa água dá conta?

Nós não fazemos horta. Só usamos para lavar roupa, mas tem hora que pago 50, 60... a luz também vem cara, tem hora que pago 80, não sei porque. Quando um homem vem, de três em três meses fazer leitura, embora pagamos todos os meses, mas quando ele vêm, podemos esperar no outro mês, que já vêm uns 100, 80, mas nós pagamos todos os meses. E para falar a verdade a vocês, não dependemos de prefeito. Não adianta a gente sair daqui para ir à rua, caminhando, ou pagar um carro, um taxi, 30 reais para ir pedir um apoio para um prefeito que não olha para sua cara. Agora o outro, o Dinho, ele era muito bom, mesmo para tratar a gente.

Dona Terezinha, quando a senhora era pequena e chegou aqui na comunidade, vocês se juntavam para contar histórias. Tem alguma história específica aqui da comunidade?

Naquele tempo que eu cheguei aqui era diferente. Era melhor que agora. Porque esses córregos todos eram poços de água, a gente ficava brincando dentro da água, pegando peixe, caçava ouro, pegava ouro de colher, na bateia. Agora não, agora é diferente porque está muito seco. Naquele tempo era mais gostoso, não tinha essas retas, que vem um, vem outro na sua casa, só tinha caminho que você não podia nem andar. Mas era mais gostoso porque era mais “fechado”. A gente brincava de noite, pulando corda, fazia guisado debaixo de pau, fazia direto.

Guisado o que é?

É modo de dizer, de cozinhar assim debaixo de pau, numas panelinhas pretas.

Até quando vocês conseguiram pegar ouro?

Quando chover, nós vamos para o córrego caçar ouro.

Ainda hoje?

Hoje não caça porque não tem água.

Mas até quando vocês conseguiram pegar?

É só chover que nós vamos para o córrego caçar ouro. Mas aí depende de quando tem água. Dá para tirar mais de uma ou duas gramas de ouro, por dia.

Ainda hoje em dia, mas quando chove?

Quando chove, quando tem água no córrego aqui, ninguém fica em casa, difícil, fica todo mundo no córrego. Mas só que mudou, ficou diferente, como estou falando para vocês, tem muita “rodagem”, e acabou com os pés de pau, cortou muito. Tinha muita ingazeira¹ na beira dos córregos, tinha grama, aparecia até sucuri dentro da água, ela ficava escura dentro do córrego. A gente não bebia essa água, a gente bebia a água do córrego. Era tudo gostoso.

Às vezes a gente ia pegar água na barragem, tinha uma vaca morta lá, a gente empurrava para lá a água e bebia, e estava com saúde. E hoje, a gente está comendo coisa comprada, cara e está tudo doente. Naquele tempo ninguém adoecia. Era difícil saber de pessoas que estavam sentindo esses problemas que estão sentindo hoje.

Uma mulher que morreu agora aí, há pouco tempo, com 110 anos, ela nunca ia no médico. Ela morreu foi de idade mesmo e não de doença. Comprava aquelas partes de boi, que hoje a gente joga fora, para comer. E essas coisas que a gente compra hoje, que

¹ Encontrada em várias regiões brasileiras, é popularmente conhecida como ingá-do-mato e ingá-verdadeiro. Geralmente encontrado perto de lagos e rios, seus frutos são produzidos dentro de uma vagem. Seu fruto possui propriedades terapêuticas em problemas intestinais, dores de cabeça, alívio de reumatismo e disenterias. O nome da planta, de origem tupi, significa ensopado ou empapado. Fonte: <http://www.coisasdaroca.com/alimentos/inga.html>

está tudo contaminado, com remédio. Não comia óleo, matava porco no chiqueiro para comer. Galinha era em casa, ovo era de casa também. Não cozinhava de gás, não tinha geladeira, não tinha água gelada, não tinha nada. Tinha a água do córrego, chegava no córrego e bebia água, pegava no pote.

Era assim que nós vivíamos e era gostoso, melhor que agora. Tinha mais liberdade, andava á noite para onde quisesse, não tinha nada de bandido, homem matando gente, roubando, nada. Você saía, deixava uma casa aberta, ia à rua e voltava, com cesta de feira na cabeça, trazia de Virgem da Lapa até aqui, nós trazíamos na cabeça. Quando você achava, ainda, para comprar fiado. Tinha vez que ia para o córrego, na base de seis horas da manhã, e quando era meio dia, você ia para a rua vender ouro para comprar coisa para comer.

Mas vivia feliz, não sentia nada. Pelo menos eu vivia feliz nesse tempo. Agora a gente vive feliz, mas tudo doente. De noite a gente ficava aí, quando era calor, um ia à casa do outro. A gente ia fiar, para fazer coberta, aqueles cobertores de tear. Aqui mesmo tinha uma tenda de fazer farinha, fazer rapadura, nós trabalhávamos noite e dia tocando a roda para fazer farinha de mandioca e biju. Tirar goma, essa goma que nós compramos, nós não comprávamos. Nós plantávamos a mandioca e colhia. A cana, nós plantávamos e moía no engenho.

Era tão gostoso naquele tempo. Ali mesmo ainda tem um resto de engenho na casa do compadre Sebastião. Hoje não, hoje tem as casas onde o pessoal vai para o mundo afora trabalhar, arruma a casa, mas não é como era antigamente não. Não tinha colchão, era de palha, comprava saco e costurava, e fazia aquele colchão, enchia com aquela palha de bananeira para dormir. Mas era bom, porque saúde sempre tinha.